

## 6

### O reflexo das políticas de ensino de Línguas Estrangeiras no Rio de Janeiro

#### 6.1

##### Introdução

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação do município, mais especificamente o setor responsável pelo ensino de línguas estrangeiras, a maioria das escolas municipais opta pelo ensino do inglês em primeiro lugar, seguido do espanhol, e apenas algumas escolas optam pelo ensino da língua francesa. Na época em que entrevistamos a responsável pelo setor, ela não soube precisar quantas escolas faziam esta última opção, mas observou que o critério de “consulta à comunidade” previsto na LDB para a escolha da língua estrangeira a ser ensinada resumia-se freqüentemente à vontade da direção da escola.

Em outras escolas públicas localizadas no município (estaduais e federais) o quadro de um ensino plurilíngüe é um pouco menos desolador naquelas consideradas como escolas-modelos: os Caps (Colégios de Aplicação vinculados à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Colégio Pedro II e alguns dos estabelecimentos ligados a Faetec<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> A Faetec - Fundação de Apoio à Escola Técnica, foi criada em 10 de junho 1997 em substituição à Faep - Fundação de Apoio à Escola Pública do Rio de Janeiro - a partir da Lei 2.735. A nova fundação passou a gerenciar a rede de ensino tecnológico do estado, que hoje abrange 114 unidades entre Ceteps (Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante), ETES (Escola Técnica Estadual), Institutos Superiores, Unidades Avançadas e Centros Sociais. No

Assim, com o objetivo de avaliar os reflexos das políticas de ensino de línguas estrangeiras no Estado do Rio de Janeiro, procuramos analisar o grupo formado por universitários, entendendo que os mesmos encontram-se no topo do sistema educacional, já tendo percorrido, portanto, no mínimo, uma formação básica em línguas estrangeiras.

## 6.2

### Línguas estrangeiras no vestibular estadual

De acordo com o levantamento que realizamos junto ao Departamento de Assistência Acadêmica (DAA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi possível observar que a baixa oferta de opções em línguas estrangeiras no ensino público se reflete no exame do vestibular (Tabela 6).

A UERJ é responsável pelo Vestibular Estadual, no qual se insere além desta universidade, a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), a Academia de Polícia Militar D.João VI (APM) e a Academia de Bombeiros Militar D.Pedro II (ABM). O exame é realizado em duas fases: exame de qualificação e exame discursivo. No exame de qualificação não há escolha de instituição ou de curso, o exame é realizado por todos os candidatos do Vestibular Estadual. Nesta fase, não há notas e sim conceitos (A-B-C-D-E) por faixa de porcentagem de acertos na prova. O exame discursivo é realizado apenas pelos candidatos aprovados no exame de qualificação, nesta fase há escolha de curso.

A partir do Quadro 2, observamos que existe um predomínio da língua espanhola entre os candidatos que obtiveram os piores conceitos no primeiro e segundo exame da fase de qualificação. De maneira inversa, os candidatos com melhores conceitos optaram pelo inglês. Com relação ao francês, mesmo representando uma opção pouco significativa entre os candidatos, esta opção é

maior entre aqueles que obtiveram conceito A. Convêm ressaltar que o número de candidatos que optam pela língua francesa como língua estrangeira no vestibular não só da UERJ como nas demais universidades que ainda oferecem esta opção é cada vez menor (a PUC-Rio suprimiu a língua francesa de seu vestibular).

Com relação ao exame discursivo (tabela 6), observamos que a maioria dos candidatos provenientes de escolas públicas optou pelo espanhol como língua estrangeira em oposição ao inglês, contrastando com uma escolha mais equilibrada entre as duas línguas dos candidatos oriundos de escolas particulares.

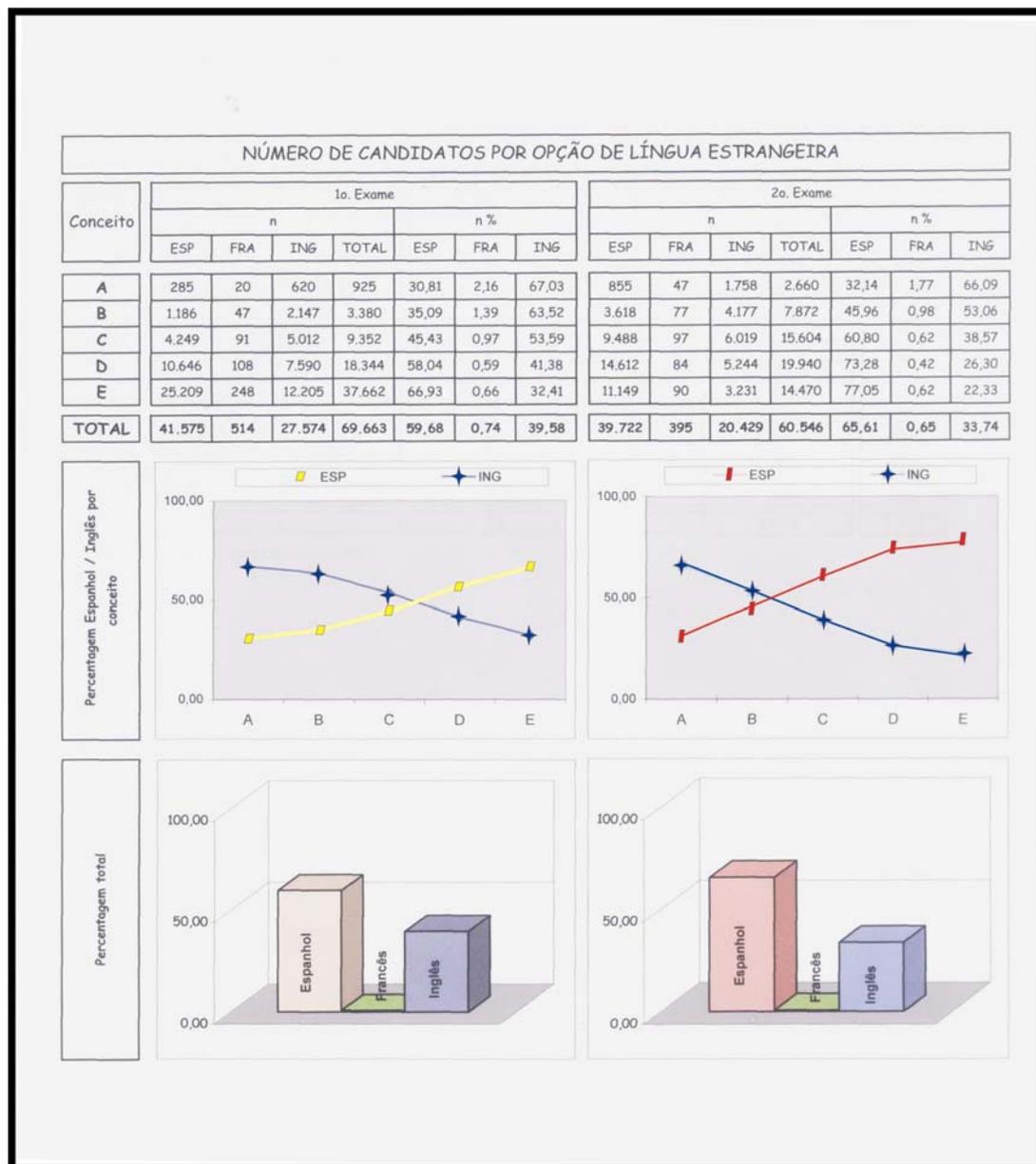
Finalmente, observa-se também que a opção pela língua francesa é muito pequena tanto entre os candidatos provenientes das escolas públicas quanto entre os candidatos provenientes das escolas particulares. Paradoxalmente, mesmo entre os candidatos ao curso de Letras Português / Francês a maioria dos candidatos optou pelo idioma espanhol como língua estrangeira, sendo que a opção pelo francês se iguala a opção do inglês como língua estrangeira no exame vestibular: em um total de 80 candidatos, 34 optaram pelo espanhol, 23 pelo francês e 23 candidatos optaram pelo inglês.

A opção pelo espanhol, preferencial entre os candidatos com menor desempenho no exame do vestibular estadual, não reflete necessariamente o conhecimento formal desta língua por parte dos candidatos. Em parte, esta escolha é realizada em função da intercompreensão entre a língua portuguesa e a língua espanhola. As demais línguas exigem por parte dos candidatos um maior conhecimento formal.

Em função do vimos ao longo deste trabalho, o acesso ao aprendizado formal do inglês e, principalmente, do francês esbarram em algumas dificuldades como: a baixa oferta de ensino público de qualidade, uma oferta centralizada

das escolas bilíngües e dos cursos de idiomas oficiais nas áreas de maior concentração de renda, entre outros. Geralmente, as pessoas com maior poder aquisitivo têm a oportunidade de poder escolher por uma aprendizagem formal do inglês e/ou do francês.

De maneira geral, os candidatos que obtiveram conceito A no vestibular estadual provêm de escolas com os melhores padrões de ensino, quer sejam particulares ou públicas. Nestas escolhas, normalmente, como já discutimos é oferecida uma formação lingüística plurilíngüe e de qualidade, o que justificaria a escolha destes candidatos pelo inglês e pelo francês como língua estrangeira no vestibular.



Quadro 2 – Opção língua estrangeira na primeira fase do vestibular estadual 2006.

<i>Opção de Língua estrangeira</i>	<i>Escola Pública</i>	<i>Escola Particular</i>
<b>Espanhol</b>	1484	1500
<b>Francês</b>	37	23
<b>Inglês</b>	872	1804

Tabela 6 – Números relativos ao vestibular Uerj 2006, 2ª fase – exame discursivo.

### 6.3

#### **Formação e representação lingüística**

No primeiro semestre de 2006 realizamos uma pré-enquête sobre representação lingüística junto aos alunos das universidades: Universidade Veiga de Almeida (campus Barra da Tijuca), Universidade Estácio de Sá (campus Rio Comprido), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Maracanã) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). O questionário aplicado foi elaborado pelo Prof. Calvet e pelo Prof. Jürgen Heye como uma primeira abordagem a respeito das representações lingüísticas (Castteloti & Moore, 2002) no Rio de Janeiro.

Segundo Castteloti e Moore (2002) os estudos sobre as percepções dos falantes em relação às línguas e aos usos que fazem delas começaram a ser explorados a partir dos anos 60, primeiramente a partir da noção de atitude. Esses estudos se dedicaram a explicar os comportamentos lingüísticos levando em conta as imagens que as pessoas possuem das línguas, resguardando nessa abordagem os valores subjetivos. O conceito de representação tem origem na psicologia social.

Castteloti e Moore (2002) definem a atitude como uma disposição para reagir de maneira favorável ou não a uma classe de objeto a partir de um estoque de crenças sobre este objeto. Estas crenças, por sua vez, são

motivadas tanto por informações objetivas como por preconceitos e estereótipos. Jodelet (1989) define o conceito classificando-o como uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que possui um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum de um grupo social. As representações fazem parte da construção identitária dos sujeitos, de sua relação com os outros e participam da construção do conhecimento. Ela põe em evidência os traços que um grupo acha mais pertinente na formação de sua identidade, aí reside sua importância na formulação de uma política lingüística.

Os questionários que aplicamos exploram esses valores mas abordam também questões que demandam um certo conhecimento sociolingüístico. Nesta primeira enquêta, entrevistamos um total de 114 estudantes posteriormente pretendemos estender esta pesquisa a outros conjuntos da população.

Embora tenha um caráter preliminar, esta enquêta entrevistou um público que já se encontra no topo da formação educacional, que já percorreu todo o ensino fundamental e médio. Isto permite que tenhamos o perfil de sua formação em língua estrangeira, além da repercussão das mais recentes intervenções em matéria de política lingüística no Brasil (a co-oficialização de línguas indígenas, o ensino de línguas alóctones em alguns municípios do sul do país, os acordos lingüísticos no Mercosul).

Em relação à questão que língua(s) o entrevistado fala consideramos a resposta espontânea do entrevistado, sem precisar o grau de domínio da língua declarada. Conforme a Tabela 7, observa-se que a maioria entre homens e mulheres declara falar inglês, em uma proporção que corresponde ao dobro da escolha pelo espanhol, confirmando a hipercentralidade da língua inglesa. Acreditamos que um dos motivos para esta hipercentralidade está relacionado a uma maior oferta de ensino da mesma. Associado a este fator, temos um leque de representações favoráveis à língua inglesa: a mais útil (Tabela 8), entre as mais fáceis e menos difíceis (Tabelas 9 e 10), a língua que se deseja que os

filhos aprendam (tabela 11). Nesta questão o inglês aparece em primeiro lugar, seguido do francês e do espanhol. A escolha do francês em detrimento do espanhol demonstra que mesmo entre as línguas supercentrais pode haver graus diferentes de importância. Esta escolha pode ser compreendida também de acordo com o papel da língua francesa ao longo da história da sociedade brasileira, como vimos nos capítulos precedentes.

Com relação às demais línguas supercentrais, à parte o espanhol, observamos que uma pequena parcela declara possuir o conhecimento do francês, alemão e italiano, com uma ligeira vantagem para o francês. Destaca-se que esta vantagem se localiza predominantemente entre as mulheres, que também consideram esta língua como a mais bonita (Tabela 12).

Podemos observar um comportamento deferente entre homens e mulheres no que diz respeito ao francês e ao português, diferença que se apresenta em outras questões: o português é citado como mais útil e mais fácil principalmente entre os homens; por outro lado, um número maior de mulheres declara desejar que seus filhos aprendam o francês.

As línguas citadas como as mais difíceis são primeiramente as línguas de origem não latinas, mas que são também línguas de imigração no Brasil (alemão e japonês) (Tabela 13). Esta representação está associada com a história da formação da sociedade fluminense, marcadamente sob a influência dos negros e dos portugueses, assinalando um distanciamento cultural com os fluxos migratórios predominantes em outras regiões do país.

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Inglês</b>	61,5	59,4	64,4
<b>Espanhol</b>	29,4	26,6	33,3
<b>Francês</b>	7,3	15,6	2,2
<b>Alemão</b>	5,5	4,7	4,7
<b>Italiano</b>	2,75	4,7	-
<b>Sânscrito</b>	0,92	-	1,6
<b>Crioulo</b>	0,92	1,6	-
<b>Japonês</b>	0,92	-	1,6

Tabela 7 – Que língua(s) você fala.

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Francês</b>	2,7	5,2	0
<b>Inglês</b>	86,5	89	82
<b>Português</b>	7,2	3,12	12,7
<b>Espanhol</b>	3,6	3,1	4,2

Tabela 8– A língua mais útil

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Francês</b>	1,8	1,5	2,3
<b>Inglês</b>	65	71	55
<b>Português</b>	10	7,5	13
<b>Espanhol</b>	22	18	27

Tabela 9 – A língua mais fácil

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Francês</b>	6,8	6,9	6,9
<b>Inglês</b>	8,6	8,3	9
<b>Português</b>	6,8	6,9	6,8
<b>Italiano*</b>	0	0	0
<b>Espanhol*</b>	0	0	0
<b>Alemão</b>	41	40	44
<b>Japonês</b>	25	27	23
<b>Árabe</b>	6,3	4,1	9
<b>Russo</b>	4,3	5,5	2,2

Tabela 10– A língua mais difícil. \*Ninguém assinalou o italiano e o espanhol como uma língua mais difícil

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Francês</b>	19	22	14
<b>Inglês</b>	66	63	69
<b>Espanhol</b>	9,1	8,1	10,7
<b>Alemão</b>	3,5	3,4	3,5

Tabela 11– A língua que gostaria que os filhos aprendessem.

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Francês</b>	36,8	47,6	23,5
<b>Inglês</b>	15,7	12,6	15,6
<b>Português</b>	14,0	9,5	21,5
<b>Italiano</b>	13	12,6	13,7
<b>Espanhol</b>	9,6	12,6	5,8
<b>Alemão</b>	5,2	1,5	9,8
<b>Japonês</b>	2,6	0	2,6

Tabela 12 – A língua mais bonita

Em relação às questões mais diretamente relacionadas às intervenções político-lingüísticas brasileiras (Mercosul, línguas alóctones e autóctones) observamos ainda um significativo desconhecimento das razões que são as bases destas políticas.

Embora a maioria reconheça a existência de regiões plurilíngües no país (Tabela 13) esta percepção é mais forte em função da região sul (Tabela 14), onde há uma predominância de outras línguas supercentrais, uma vez que somente uma minoria dos entrevistados reconhece a região amazônica como uma região plurilíngüe por causa das línguas indígenas. O desconhecimento mostrado em relação às línguas indígenas, entre as línguas faladas no Brasil e no Mercosul (Tabelas 15 e 16), indica que as mesmas têm uma representação de línguas periféricas.

Como salientado por Calvet (informação escrita): *Les langues indigènes sont très peu citées, le japonais et l'allemand sont ignorés, alors que ces deux langues sont en tête des langues "difficiles" et apparaissent à nouveau deux questions plus loin. Il y a là un paradoxe qui reste à expliquer: allemand et japonais sont "difficiles", parlées dans le sud ou à SP, mais pas au Brésil...*

A pouco conhecimento demonstrado pelos entrevistados nestas questões deve-se, em nossa opinião, ao desconhecimento por parte dos mesmos da realidade histórica e sociolingüística brasileira. A perspectiva que se possui é o resultado da experiência local, uma cidade praticamente monolíngüe, com forte influência da migração portuguesa.

<b>Há cidades ou regiões</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Sim</b>	80,2	84,2	75
<b>Não</b>	19,8	15,8	25

Tabela 13– Regiões ou cidades plurilíngües no Brasil.

<b>Onde se localizam</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Sul</b>	60	61	57,5
<b>Amazônia</b>	15	12,7	18
<b>Fronteiras</b>	11,2	12,7	9
<b>Regiões Indígenas</b>	11,5	12,7	9
<b>São Paulo</b>	2,5	0	6

Tabela 14 – Onde se localizam essas regiões?

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Português</b>	90,8	89,6	92,5
<b>Português e línguas indígenas</b>	5,1	3,4	7,5
<b>Português e Tupi</b>	2	3,4	
<b>Português/Espanhol/Inglês</b>	2	3,4	

Tabela 15 – Qual ou quais as línguas são faladas no Brasil.

<b>Língua</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>
<b>Português/espanhol/Inglês</b>	10	15	3
<b>Português/espanhol</b>	61	53	73
<b>Espanhol</b>	18,6	23	11
<b>Espanhol/Inglês</b>	9,3	7,6	11,7

Tabela 16– Quais são as línguas faladas no Mercosul.

As atitudes e representações que encontramos no público de universitários entrevistados também apontam o desconhecimento das razões adotadas para a política de promoção do espanhol, o que pode ser o resultado típico de uma medida elaborada essencialmente *in vitro*. Acreditamos que adoção desta língua como LE no sistema educacional não altera o status do inglês.

Por outro lado, os entrevistados mantêm uma atitude favorável em relação à língua francesa. Esta atitude, associada a outros fatores tais como a intercompreensão (Cassen, 2005; Ploquin<sup>2</sup>, 2005), o apelo econômico, cultural, etc, poderia favorecer um plano político lingüístico que favorecesse o seu ensino. Isto iria ao encontro das propostas da francofonia como veremos no capítulo a seguir.

---

<sup>2</sup> Ploquin defende a intercompreensão entre as línguas românicas. A autora define a intercompreensão lingüística como o fato de compreender determinadas línguas sem necessariamente dominá-las oralmente: o indivíduo fala e escreve em sua língua materna e compreende a outra língua. Tal procedimento não demanda um conhecimento anterior do latim e serve para aproximar países cujas línguas pertencem a mesma família e que têm interesses e culturas próximas.